

PROJETO

Escola Viva

Garantindo o acesso e permanência
de todos os alunos na escola

Alunos com necessidades
educacionais especiais

Sensibilização
e Convivência

3

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário Executivo
Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação Especial
Marilene Ribeiro dos Santos

FICHA TÉCNICA

Coordenação: **SORRI-BRASIL**

Elaboração: **Maria Salete Fábio Aranha e Ana Rita de Paula**

Projeto gráfico, revisão e copydesk: **BelmontCom**. Comunicação Integral

Agradecimentos: **Equipe Técnica da Secretaria de Educação Especial**

Tiragem: 10.000 exemplares

Autorizada reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.

Projeto Escola Viva - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais,

Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, C327 2000

I 96p.: il.

Iniciando nossa conversa.

1. Visão histórica.
2. Deficiência no contexto escolar.
3. Sensibilização e convivência.
4. Construindo a escola inclusiva
5. Adaptações curriculares de grande porte.
6. Adaptações curriculares de pequeno porte.

CDD: 372.6

CDU: 342.71

Índice

Novos Conceitos, Novas Emoções	7
Aceitação Sem Imposição	7
Conversando Com a Classe	8
Conversando Com os Pais	9
As Atividades	10
Conhecendo e Tornando Familiares os Equipamentos	12
As “Coisas que Nos Ajudam”.....	12
Simulando as Deficiências	13
Simulações de Ajuda.....	14
Como é Ser um Deficiente Visual?.....	14
Adivinhe Pelo Tato.....	15
Como o Deficiente Visual Usa a Bengala Longa.....	16
Minhas Mãos Não Funcionam Como Deveriam.....	18
A Paralisia Cerebral Pode Afetar a Fala.....	19
Sentada X Em Pé.....	21
Prancha de Comunicação.....	23
Assistindo TV - Como é Para uma Pessoa com Deficiência Auditiva?.....	24
O Intérprete de Língua de Sinais.....	25
Folhetos e Materiais Impressos.....	27
Temas para Redação.....	27
Dramatização Criativa.....	29
Histórias de Gabriela Costa - O que Eu Digo Agora?.....	30
Discussão em Grupos.....	31
O que os Alunos Devem Saber Sobre Paralisia Cerebral.....	31
Questões Para Discussão Sobre Paralisia Cerebral.....	32
Questões Para Discussão Sobre Deficiência Auditiva.....	32
Filmes.....	33
Livros.....	33
Livro de Recortes.....	34
Amigos.....	34
Visitas Bem-Vindas.....	34
Envolvendo a Comunidade.....	34

Novos Conceitos, Novas Emoções

Como você sabe, mudar nossos valores, nossas atitudes e nossos comportamentos é um processo difícil, pois envolve nossa história cognitiva e emocional, especialmente quando entramos em contato com novas informações e novos conceitos.

Assim, ao abordar a questão da deficiência em relação com a nossa sociedade, é muito natural que se manifestem sentimentos como medo, pena, raiva, repulsa. Tais sentimentos estão muito ligados ao desconhecimento e às idéias preconcebidas que existem com relação às pessoas que porventura apresentem necessidades especiais.

Este manual tem por objetivo oferecer sugestões de atividades que você, professor, pode desenvolver em sala de aula, visando favorecer que os alunos envolvidos no processo de construção de um sistema educacional inclusivo possam manifestar e tratar, aberta e dignamente, seus sentimentos a esse respeito.

Lembramos que é fundamental que as atividades sugeridas sejam consistentes com o nível de compreensão e de interesse de seus alunos e que possibilitem a vivência e a reflexão sobre os vários tipos de deficiência: física, mental, sensorial, etc.

Aceitação Sem Imposição

Apesar de a integração de crianças com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino ser um direito garantido pela Constituição Federal, isso não é suficiente para garantir a construção e o desenvolvimento de um sistema educacional inclusivo. Para tanto, é necessário que a comunidade escolar se disponha a aceitar e a participar desse processo, que é mais complexo do que somente inserir a criança com deficiência, fisicamente, numa sala de aula comum.

O movimento de transformação não pode ser imposto, mas também não pode depender exclusivamente de decisões pessoais e das reações emocionais de um ou outro profissional. Inicia-se na atuação dos dirigentes educacionais e alicerça-se nas ações dos professores que, como líderes, são agentes de essencial importância na transformação desse sistema, no caso, de **segregatório para inclusivo**.

Conversando Com a Classe



Antes de se iniciar um trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns do sistema regular de ensino, é necessário que seja feito um **preparo dos demais alunos** para a convivência na diversidade, enfatizando a importância das diferenças entre indivíduos, de maneira geral.

A diversidade constitui a base do desenvolvimento das relações humanas, **já que somos todos diferentes uns dos outros**, o que não faz de ninguém melhor ou pior como pessoa e cidadão.

Os comportamentos de rejeição e de superproteção à diferença devem ser desvelados, discutidos, compreendidos e modificados, inclusive como parte da ação educativa da escola, que é formar cidadãos ativos, conscientes, críticos e responsáveis.

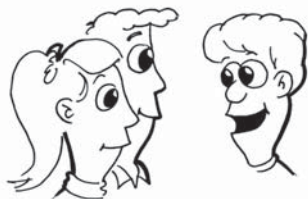
Como qualquer outro conteúdo pedagógico, é importante que você inicie um diálogo a partir das vivências concretas de seus alunos a respeito das pessoas com deficiência.

- **Você conhece alguém com deficiência? Quem é essa pessoa?**
- **Como você se relaciona com ela?**

- **Que tipo de sentimentos ela desperta em você?**
- **O que acharia de ter colegas com deficiência na classe?**
- **Acredita que seria legal, que teria o que aprender com ele ou o que lhe ensinar?**

Uma atitude de respeito e de dignidade no trato desse fenômeno, por si só, já transmite a seus alunos um modelo que se fortalece na convivência com um colega que tenha uma deficiência.

Conversando Com os Pais



Da mesma forma que é fundamental preparar os alunos para abrir espaço e receber seus colegas com necessidades educacionais especiais e outros tipos de deficiência, também é muito importante sensibilizar e envolver seus pais, para compreenderem, aceitarem e colaborarem para que essa mudança se concretize com vantagens para todos.

De maneira geral, os membros da família desejam cumprir com o seu papel de educadores, no âmbito informal de ensino. Para isso, eles necessitam de informação, de orientação, de se sentirem parte do processo.

A implementação de grupos de pais tem sido uma ação bastante positiva no sentido de fortalecer as relações da escola com a família, e de estimular famílias a serem participantes e cooperativas no processo de desenvolvimento de seus filhos.

Para tanto, é importante que se planeje a realização de reuniões sistemáticas de grupos de pais, **nas quais se possa conversar sobre o processo de ensino e aprendizagem** dos alunos, abordando a questão de suas necessidades.

Pais, professores e dirigentes costumam concordar, quando se queixam de que as reuniões não funcionam, apesar das razões apresentadas por cada um serem diferentes.

Se formos, entretanto, analisar seu conteúdo, fica mais fácil termos a compreensão do porquê eles assim se sentem! Geralmente, os dirigentes da unidade escolar falam sobre as regras da escola, sobre o sistema de controle dos alunos, bem como se queixam aos pais quanto ao mau desempenho e/ou comportamento de seus filhos... assim, todos são obrigados a permanecer sentados, durante horas, ouvindo repreensões vazias e indevidas, já que esse procedimento historicamente jamais produziu efeitos no processo de ensino e aprendizagem de qualquer professor e aluno!

Outra atividade também bastante comum nas reuniões, é submeter os pais presentes à “brincas” da direção, dirigidas àqueles que faltaram, o que torna o momento ainda mais maçante, sem sentido e irritante.

Como queremos que a família reflita, repense e se envolva com o processo de ensino e aprendizagem desta forma? Não poderíamos aproveitar desse tempo para realizar palestras de profissionais especializados, para discutir questões relacionadas ao desenvolvimento do aluno, para dialogar a respeito das peculiaridades e necessidades das crianças, buscando, em conjunto, identificar formas de participação da família?

Acreditamos que sim. Por isso, apresentaremos, a seguir, sugestões de atividades que podem favorecer tais processos.

As Atividades

As atividades sugeridas a seguir foram testadas e aprovadas por professores de classes comuns, em conjunto com professores de classes especiais. É importante respeitar o “espírito” de tais atividades, mas é claro que você pode

e deve ser criativo. Elas poderão e deverão ser enriquecidas com a sua criatividade e a dos alunos. O importante é que os conceitos sejam transmitidos de forma clara e divertida, e que a participação dos alunos seja sempre voluntária.

As atividades podem ser basicamente de dois tipos:

1. as simulações, que favorecem a ampliação perceptual do que é conviver com características e conseqüências de deficiências, como por exemplo:

- **corrida de obstáculos** - alguns participantes podem simular a **deficiência física**, fixando revistas atrás dos joelhos (com fita crepe), ou prendendo nas costas, também com fita crepe, um ou ambos os braços. Outros ainda podem simular a deficiência visual, amarrando uma venda nos olhos e cuidando com que não passe por ela qualquer claridade;
- **cinema mudo** - os participantes podem simular a deficiência auditiva, assistindo a trechos de filmes sem som e procurando acompanhar o que as pessoas estão falando, bem como compreender a história. Outros participantes podem também simular os problemas implícitos na comunicação não verbal entre pessoas surdas e pessoas ouvintes: procurar compreender uma mensagem transmitida exclusivamente por meio de gestos;

2. as que envolvem mais a reflexão intelectual sobre o assunto, tais como:

- discussão em grupo sobre filmes, peças, desenhos, etc., que tenham como personagens, principais ou secundários, pessoas com deficiência;
- redação sobre um personagem existente ou criado pelos participantes;
- familiarização com alguns equipamentos usados por pessoas com deficiência por meio da introdução de alguns deles dentre outros objetos usados comumente por todos (como escova de dentes, sapatos, talheres, etc.). Pode-se solicitar aos participantes que procurem identificar a função social de cada objeto;
- coleta de notícia sobre o tema em jornais e revistas.

Obs.: É muito importante que os participantes sejam incentivados a dizer

como se sentiram durante as atividades, principalmente naquelas em que são simuladas vivências de deficiências, pois sabemos que estas podem se constituir em experiências muito enriquecedoras e marcantes para a pessoa.

Compartilhar esses sentimentos com os demais tem sido sempre bastante proveitoso para todos.

Conhecendo e Tornando Familiares os Equipamentos

As “Coisas Que Nos Ajudam”

Coloque numa caixa de papelão diversos objetos que usamos em nossas atividades e tarefas do dia-a-dia, como por exemplo, um par de escova de dentes, um par de óculos, uma chuteira, equipamentos de mergulho, uma régua, um capacete, talheres, etc. Inclua também alguns equipamentos usados por pessoas com deficiência: um aparelho auditivo, um livro em braile, uma bengala longa, uma muleta, um aparelho ortopédico, etc. Reúna um pequeno grupo de alunos e peça a cada um deles que selecione e retire um objeto da caixa. Você pode incentivar uma discussão sobre como aqueles objetos podem ser úteis. Essa idéia é adequada principalmente para crianças pequenas, e tem por objetivo ajudá-las a perceber as limitações sob uma ótica mais positiva, por meio da familiarização com equipamentos de apoio usados por pessoas com deficiência.

Quando os objetos usados pelas pessoas com deficiência são intercalados com os objetos usados pelas pessoas sem deficiência, as crianças aprendem que, da mesma forma que elas usam a escova de dentes para fazer a tarefa de realizar a higiene bucal, as pessoas com deficiência visual usam o alfabeto braile para ler e a bengala longa para se locomover; as surdas usam o aparelho para ouvir; as pessoas com deficiência física usam muletas para se locomover, etc.



Essa atividade pode ser complementada com uma outra, durante a qual as crianças escolhem um objeto usado por pessoas com deficiência e fazem um desenho de alguém que o esteja utilizando.

Geralmente, quando as crianças travam um primeiro contato com uma pessoa que usa um equipamento diferente, elas se sentem tão curiosas e atraídas por esse objeto estranho que, às vezes, até se esquecem de que é uma pessoa de verdade que está usando esse objeto. Proporcione uma oportunidade para que os alunos conheçam cadeiras de rodas, próteses de membros, bengalas, muletas, botas, aparelhos ortopédicos e de surdez, bengalas para cegos, livros em braile, regletes (objetos para escrever em braile.)

Você pode pedir emprestados esses equipamentos a entidades e instituições de sua cidade e aos educadores especiais, os quais poderão ajudar você a conhecer mais sobre seu uso, assim como lhe dar noções da língua de sinais, etc.

O contato inicial das crianças com os equipamentos é interessante, pois ele permite que elas façam perguntas, que os toquem e que descubram o que são e para que servem, sem constranger ou prejudicar o usuário. Quando, posteriormente, pessoas com deficiência visitarem a escola, as crianças já estarão familiarizadas com os equipamentos e prestarão mais atenção à pessoa do que aos objetos que ela usa.

Simulando as Deficiências

Promova atividades de simulação, durante as quais os alunos poderão vivenciar uma deficiência. Essas experiências permitem que eles percebam as dificuldades das pessoas com deficiência e como elas eventualmente podem se sentir.

Simulações de Ajuda



Como é Ser um Deficiente Visual?

Objetivo - Ajudar as crianças a perceberem como é “precisar de ajuda” e como oferecer e dar ajuda a uma pessoa com deficiência visual.

Material - Vendas pretas para todo o grupo.

Procedimento - Divida o grupo em pares, sendo que enquanto uma criança representará a pessoa cega, a outra será o acompanhante. Após um certo tempo, a dupla deverá inverter os papéis, de forma que aquele que representou a criança cega, será agora a acompanhante, enquanto que aquele que foi o acompanhante, será agora a criança cega. Explique claramente que todos os alunos terão a oportunidade de vivenciarem os dois papéis: o de criança cega e o de acompanhante. Explique que o papel do acompanhante é estar ao lado do “cego” para oferecer ajuda e dar essa ajuda quando for solicitada, ou aceita. Explique que **é importante perguntar se ele precisa de ajuda e de que forma essa ajuda pode ser dada**. Os pares serão orientados a realizar diversas atividades, tais como: ler um material escrito na biblioteca da escola, tomar água no bebedouro, pedir uma informação na secretaria, dar um passeio no pátio da escola, utilizar o banheiro, etc.

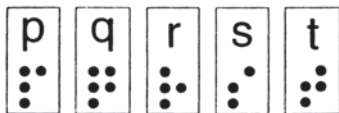
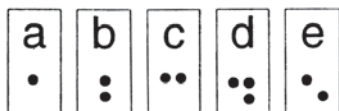
Discussão - Em pequenos grupos formados pelos pares originais, discuta as seguintes questões:

1. Como você se sentiu simulando uma pessoa com deficiência?
2. Você acha que ficou mais atenta para perceber os sons e sentir os objetos?
3. Como você se sentiu simulando o acompanhante?
4. Como acompanhante, quais as coisas que você fez para ajudar seu colega “cego”?
5. Seu colega “cego” concorda com você?

6. Você sentiu mudança na sua atitude quando estava vivenciando ser “cego” e quando estava sendo acompanhante?
7. Qual a melhor forma que você e seu companheiro “cego” encontraram para fazer as atividades juntos?
8. Foi mais difícil ser o “cego” ou o acompanhante? Por quê?

Explique aos alunos que a simulação de caminhada que acabaram de fazer é parecida com a atividade de orientação e mobilidade que os alunos cegos têm com educadores especiais, para aprenderem a se locomover com segurança e confiança.

Adivinhe Pelo Tato



ALFABETO BRAILE - Em 1825 na França, um jovem cego, Louis Braille, inventou um sistema de leitura e escrita para uso de pessoas cegas.

Objetivo - Proporcionar aos alunos conhecimentos sobre a sensibilidade tátil, mostrando a eles como uma pessoa portadora de deficiência visual desenvolve o sentido do tato.

Material - Sacola de papel, uma coleção aleatória de objetos, tais como: um lápis, uma maçã, um livro, uma xícara, etc. Faça seis cartões de cartolina com botões colados (como na gravura) para representar o alfabeto braille.

Procedimento

1. Divida os alunos em grupos de três ou quatro.
2. Estimule os alunos a sentirem, com os olhos vendados, os objetos que estão dentro da sacola.

3. Cada um deverá identificar um objeto dentro da sacola.
4. Peça a cada um dos alunos que descreva como conseguiu identificar o objeto, ou seja, se a identificação foi possível pela forma, textura, cheiro, etc.
5. Coloque os cartões de cartolina dentro de uma outra sacola e passe-a entre os alunos, pedindo para que cada um deles descreva o que percebeu no cartão.
6. Os alunos devem continuar a sentir os cartões dentro da sacola, até que todos tenham identificado e descrito a localização dos botões em relevo.

Discussão - Tire os cartões da sacola e identifique as letras representadas no alfabeto braile. Explique aos alunos que eles acabaram de vivenciar a forma como as pessoas cegas desenvolvem o sentido do tato para serem capazes de ler o alfabeto braile e de perceber o mundo à sua volta. Discuta com o grupo as seguintes questões:

1. Foi fácil identificar os objetos dentro da sacola? Por quê?
2. Foi fácil identificar os cartões? Por quê?
3. Quais as dicas que diferenciam um cartão braile do outro?
4. Você acha que o alfabeto braile é um código secreto usado pelas pessoas cegas?

Como o Deficiente Visual Usa a Bengala Longa

Objetivo - Simular o uso da bengala longa para aprender a realizar atividades de orientação e mobilidade com pessoas com deficiência visual.

Material - Vendas para os olhos e guarda-chuvas ou sombrinhas para cada aluno.

Procedimento

1. Divida os alunos em grupos de quatro, designando um deles para simular a pessoa cega, um para ser o acompanhante e dois outros para serem observadores.

2. Demonstre o uso da bengala longa, segurando a sombrinha a sua frente em direção ao chão e movimentando-a lateralmente em forma de arco enquanto caminha.
3. Coloque um aluno à sua frente, segure em seu cotovelo direito e caminhem juntos.
4. Diga para os alunos caminharem em pares da mesma forma como você demonstrou.
5. Selecione uma direção para eles caminharem. Um deles usará a venda nos olhos e a bengala longa e o outro será o acompanhante.
6. Oriente cada observador para anotar num papel as situações em que a bengala ajudou.

Discussão - Quando todos os grupos tiverem voltado, proponha a seguinte discussão:

Para o “cego”

1. Como a bengala ajudou você?
2. Quais as coisas que você conseguiu perceber com a bengala longa ?

Para o acompanhante

1. Como a bengala o ajudou?
2. Você se sentiu mais relaxado porque seu companheiro estava usando a bengala? Por quê?

Para os observadores

1. Como a pessoa cega usou a bengala?
2. Ela parecia mais confiante ou tímida?
3. Se você fosse a pessoa cega, você usaria a bengala de forma diferente?
4. Você acha que a bengala deu mais confiança à pessoa cega?
5. Quando usada adequadamente (isto é, quando a bengala é segurada em frente à pessoa e movida para os lados), a bengala longa pode ser de extrema ajuda para a pessoa cega. Se você fosse cego, gostaria de ter uma?
6. Se você tivesse uma bengala longa como você a usaria?

7. Conte para os alunos que existem bengalas longas, médias e pequenas, adequadas para cada pessoa de acordo com a sua altura. O comprimento da bengala deve ser igual à distância entre o tórax da pessoa cega e o chão. Geralmente, elas são de alumínio e são dobráveis.

Minhas Mãos Não Funcionam Como Deveriam



Objetivo - Permitir aos alunos experimentar a rigidez muscular que geralmente é consequência da paralisia cerebral e a frustração de não poder controlar os movimentos.

Material - Dois pares de meias grossas e uma camisa com botões (que você pode pedir que sejam trazidos de casa).

Procedimento

1. Agrupe os alunos em pares e peça a um em cada par para vestir meias soquetes nas mãos, amarrando os punhos com fita crepe.
2. Conte aos alunos que eles irão vivenciar como é ter paralisia cerebral, tentando vestir e abotoar uma camisa, com as mãos na condição 1.
3. Dê o sinal e peça aos alunos para vestirem a camisa, abotoá-la, desabotoá-la e para se sentarem em frente ao seu par.
4. Peça a eles para trocarem de papel, o material, e repetir a experiência.
5. Quando tiverem terminado (alguns não conseguirão terminar a tarefa em 4 ou 5 minutos), peça para eles flexionarem os dedos e estenderem os braços.

Discussão - Forme o grupo de discussão e faça as seguintes perguntas:

1. Como você se sentiu vestindo e abotoando a camisa com as luvas nas mãos?
2. O que foi mais difícil?

3. Como se sentiu com o seu par observando?
4. Você já se sentiu com vontade de desistir de alguma coisa? Do quê? Por quê? Quando?
5. Quando você flexionou seus braços, o que sentiu?
6. Você sentiu vontade de rir de alguém alguma vez? Por quê? Por que não?
7. Converse com os alunos sobre seus sentimentos e observações durante a atividade. Explique que a rigidez que eles sentiram nos braços e nos dedos é muito parecida com a rigidez muscular que a maioria das pessoas com paralisia cerebral tem, muitas vezes no corpo todo. Para elas, é muito difícil relaxar os músculos. O profissional que procura ajudar as pessoas com paralisia cerebral a ficarem com a musculatura menos rígida chama-se fisioterapeuta. Para isso, o fisioterapeuta usa jogos e atividades parecidas com aquelas que foram feitas depois da simulação.
8. Converse com os alunos sobre suas atitudes com relação à deficiência.
9. Como eles se sentiram sendo observados enquanto desenvolviam a atividade. Converse com os alunos sobre como é ser observado ou ter alguém rindo enquanto tenta fazer alguma coisa com grande dificuldade.

A Paralisia Cerebral Pode Afetar a Fala



Objetivo - Favorecer aos alunos que experimentem a dificuldade de falar e de ouvir alguém com deficiência na fala.

Material - Lápis e papel para cada aluno.

Procedimento

1. Fazer alguns minutos de silêncio para permitir que os alunos pensem em uma poesia, música ou história que eles saibam de cor. Encoraje-os a pensarem em provérbios, jogos, canções de ninar, etc.
2. Peça para os alunos escreverem o que escolheram numa folha de papel.

3. Faça grupos de quatro e explique que eles irão simular o que é ter uma dificuldade na fala.
4. Peça aos alunos para apresentarem o poema ou rima escolhida para a classe. Só que eles terão de fazer isso pressionando a ponta da língua no fundo do céu da boca.
5. É muito importante que você demonstre esta técnica para os alunos e reafirme a seriedade da atividade. Você poderá selecionar uma frase para demonstrar a fala de uma pessoa com paralisia cerebral.
6. Faça os alunos seguirem os seguintes procedimentos:
 - Um aluno diz sua parte, simulando a deficiência na fala.
 - Os outros alunos assistem até que ele termine.
 - Os colegas adivinham o que foi dito. Se eles não adivinharem, o aluno deve tentar novamente.
 - Se os colegas ainda não conseguiram compreender o que foi dito, o aluno repete o poema sem simular a deficiência.
 - A atividade continua até que todos tenham tido a chance de fazer a simulação.

Discussão - Quando todos os grupos terminarem essa atividade, escreva na lousa as seguintes questões e peça aos alunos para pensarem nas respostas, silenciosamente.

1. Como você se sentiu simulando a deficiência da fala?
2. Como você se sentiu ouvindo alguém com deficiência de fala?
3. Qual das duas atividades foi mais difícil para você? Por quê? Essa atividade é bastante difícil, mas é extremamente necessária para que os alunos possam ampliar sua visão sobre paralisia cerebral. É importante que eles observem as atividades sob o ponto de vista tanto da pessoa com deficiência da fala, como do ponto de vista do ouvinte, pois essa deficiência afeta a comunicação entre ambos.
4. Converse sobre a deficiência da fala e mostre que muitas pessoas pensam que todos aqueles que têm paralisia cerebral são pessoas com deficiência mental porque falam devagar e com dificuldade.
5. Estimule os alunos a imaginarem como as pessoas com paralisia cerebral se sentem quando são tratados assim.

6. O papel do ouvinte também é muito difícil. Geralmente, os alunos compartilham sentimentos como *“Eu me senti aliviado quando alguém do meu grupo adivinhou o que ele estava dizendo. Eu não agüentava mais ouvir Joana falando daquele jeito”*. Ou então: *“Eu não queria olhar para ela enquanto falava daquele jeito”*. Converse com os alunos sobre o que significa ser um bom ouvinte.

7. Explique aos alunos que, às vezes, o ouvinte tem mais dificuldade com relação à deficiência do que a própria pessoa com deficiência.

Sentada X Em Pé

Objetivo - Favorecer com que os alunos vivenciem uma amostra do isolamento que, às vezes, uma pessoa que usa cadeira de rodas pode sentir.

Material - Sala de aula grande, com cadeiras em volta, formando um círculo; um cronômetro e uma sacola para colocar cartões com frases:



1. Meu programa de TV favorito
2. Meu prato preferido
3. O melhor animal de estimação
4. Meu passeio favorito
5. O maior susto da minha vida

Procedimento

1. Faça grupos de cinco alunos.
2. Solicite que um dos alunos enfie a mão dentro da sacola e retire dela um cartão.
3. Coloque no meio do círculo uma cadeira de rodas, ou uma cadeira qualquer que fará as suas vezes. Um outro aluno do grupo deverá sentar-se nela. Conte ao grupo que cada um deles irá experimentar a situação de se sentar, no centro do grupo, na cadeira de rodas, ou na cadeira que está fazendo as vezes de cadeira de rodas.

4. Explique aos alunos que eles irão ter a oportunidade de experimentar um pouquinho do isolamento que uma pessoa na cadeira de rodas pode sentir, quando está no meio de outras pessoas, todas em pé.
5. Coloque os alunos no círculo e marque três minutos. Peça a eles que conversem sobre o tema constante do cartão selecionado. Todos devem participar da conversa.
6. Quando terminar o tempo, forme outro grupo de 5 alunos para entrar no círculo e assim por diante, até que todos tenham participado da atividade.

Discussão - Faça as seguintes perguntas:

1. Você se lembrou de incluir na conversa o aluno que estava na “cadeira de rodas”?
2. O que você fez?
3. Você se esqueceu de que ele estava lá?
4. Como você se sentiu sentado no meio do grupo de alunos em pé?
5. O que você fez para participar da conversa?
6. Você se sentiu mal alguma vez? Por quê? Por que não?
7. Discutir o fato de que muitas pessoas que usam cadeira de rodas queixam-se que perguntas e comentários são sempre dirigidos a amigos e pessoas da família que estejam ao seu lado, ou que estejam empurrando a cadeira de rodas, em vez de serem dirigidos a elas mesmas. Ex: Uma mulher com deficiência contou que ela estava em um restaurante quando o garçom se aproximou e perguntou ao marido dela como ela queria o seu bife. Converse com os alunos sobre o motivo pelo qual essa mulher se aborreceu com o garçom e relacione esse exemplo com a atividade que eles acabaram de fazer.
8. Peça aos alunos para fazerem uma lista do que eles fariam se tivessem um colega que usasse cadeira de rodas. O que eles fariam para incluí-lo nas conversas?

Prancha de Comunicação

Objetivo - Permitir que os alunos vivenciem as formas de comunicação usadas por pessoas com paralisia cerebral que têm dificuldades para falar.

Material - Pranchas de comunicação que poderão ser feitas em cartolina ou madeira compensada.

Procedimento

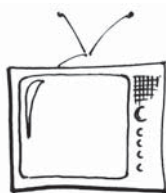
1. Divida o grupo em pares e explique para os alunos que eles trabalharão com uma prancha simulada.
2. Conte aos alunos que muitas pessoas com paralisia cerebral não podem falar, mas, mesmo assim, têm pensamentos e idéias para compartilhar com as outras pessoas. As pranchas foram inventadas para que as pessoas com paralisia cerebral possam se comunicar com os outros.
3. Usando as pranchas, peça aos alunos para, apontando as letras, soletrarem uma mensagem aos seus pares. Eles devem se lembrar de que não podem falar absolutamente nada.
4. Deixe os alunos formularem suas próprias mensagens ou entregue frases datilografadas numa tira de papel para serem copiadas. Dê tempo suficiente para que os alunos completem as mensagens, mesmo que isso demore um pouco mais.

Discussão - Quando todos os alunos tiverem participado da atividade, faça as seguintes perguntas:

1. Você gostou de se comunicar dessa forma?
2. Foi muito difícil?
3. O que poderia ser feito para facilitar essa tarefa? Explique que algumas pessoas com paralisia cerebral usam instrumentos eletrônicos que se assemelham às pranchas que elas acabaram de usar. Essas pranchas têm uma luz que se desloca pelas letras e a pessoa faz a luz parar nas

letras escolhidas. Algumas pranchas têm mais de 100 frases já prontas. Hoje em dia, também existem sintetizadores de voz computadorizados que fazem a mesma tarefa, isto é, permitem que as pessoas com paralisia cerebral expressem seus desejos, suas necessidades, seus sentimentos, suas idéias, etc. A propósito, você pode tentar o empréstimo de uma prancha dessas junto a entidades de pessoas com deficiência ou a prestadoras de serviço a pessoas com deficiência de sua cidade. Isso tornaria a atividade ainda mais interessante. Mas o mais importante é conversar com os alunos sobre como eles se sentiram e como seria se eles tivessem de se comunicar dessa forma o tempo todo. Pergunte como eles se sentiriam se tivessem na classe um colega que usasse uma prancha dessas e como eles fariam para integrá-lo nas conversas e nas atividades.

Assistindo TV - Como é Para uma Pessoa com Deficiência Auditiva



Objetivo - Favorecer às crianças a compreensão de que as “dicas” visuais são essenciais para uma pessoa com deficiência auditiva, no processo de informação social.

Material - Aparelho de TV. Papel e lápis para cada aluno.

Procedimento

1. Ligue o televisor para os alunos assistirem e tire o som completamente.
2. Enquanto os alunos assistem ao filme, observe suas reações - isto é, distração, tensão, dispersão, etc.
3. Quando o filme terminar, divida a classe em grupos de quatro. Entregue as perguntas seguintes e solicite aos alunos que escrevam as respostas em uma folha de papel. Compartilhe as respostas com o grupo.
 - Qual era o tema do filme?
 - Como você sabe disso?
 - O que você não conseguiu entender?

Discussão - Discutir no grande grupo:

1. Como você se sentiu?
2. Quais foram as melhores dicas que ajudaram você a entender o filme?
3. Você acha que as pessoas com deficiência auditiva gostam de assistir à TV e ir ao cinema?
4. Qual o programa que você conhece que seria bom para pessoas com deficiência auditiva assistirem?
5. O que poderia ajudar uma pessoa com deficiência auditiva a entender melhor um programa de televisão ou um filme?
6. Conte para os alunos que as pessoas com deficiência auditiva usam seus olhos para integrar as coisas do mundo à sua volta. Elas observam cuidadosamente para entender o que está acontecendo à sua volta.
7. Fale sobre a surdez como uma deficiência que pode isolar as pessoas e sobre como deve ser difícil para uma pessoa surda se envolver em uma atividade com um grupo de pessoas ouvintes.
8. Discuta o papel da televisão na vida de todos e o efeito que ela tem sobre uma pessoa com deficiência auditiva.

O Intérprete de Língua de Sinais

Material - Cópias do seguinte parágrafo: *“A mãe de Márcia pediu a ela e sua amiga para irem fazer compras. As duas meninas deveriam comprar ovos, leite, manteiga, frango, açúcar e pão. Elas também deveriam comprar balões de gás para o aniversário de Patrícia.”*

Procedimento “A”

1. Dividir a classe em grupos de 4 ou 5 alunos, os quais deverão sentar-se em círculo.
2. Você poderá solicitar a presença de um professor que saiba a língua de sinais ou de um intérprete, para que oriente a classe sobre as principais

características dessa língua “falada” por quase dois milhões de brasileiros.

3. Peça a um aluno que leia o texto enquanto o intérprete, que deve ficar à esquerda do leitor, demonstra como interpretar a mensagem.

4. Peça à turma para observar que algumas palavras do português têm sinais específicos para representá-las e outras, como conjunções e certas preposições, não possuem um sinal específico.

5. Peça à turma para observar, ainda, que a ordem das palavras na mesma frase pode não ser a mesma quando transmitida em português e na língua de sinais.

6. Dê oportunidade para que vários alunos possam transmitir o texto lido por colegas, em português, para a língua de sinais.

Procedimento “B”

1. O parágrafo acima contém algumas das palavras cujos sinais os alunos aprenderam. Existem outras palavras que eles não podem sinalizar. Selecione um aluno para ler e outro para servir como intérprete da língua de sinais.

2. Faça os alunos selecionados para a leitura lerem o parágrafo. O intérprete ficará à esquerda e interpretará a história.

3. Dê oportunidade para vários alunos fazerem o exercício.

Discussão - Faça as seguintes perguntas:

1. Como você se sentiu como intérprete?

2. Como você se sentiu como locutor?

3. Você achou difícil interpretar? Por quê e por que não?

4. Quais são as qualidades para um bom intérprete?

5. Discuta as habilidades de sinalização com os alunos que se apresentaram como intérpretes. Mostre que não somente a técnica, mas também a velocidade é essencial para um bom intérprete.

6. Discuta com os alunos as vantagens de um intérprete em salas pequenas.

Folhetos e Materiais Impressos

As organizações de pessoas com necessidades educacionais especiais e as instituições prestadoras de serviço a essas pessoas costumam ter material impresso, como folhetos, para serem distribuídos. Você pode conseguir esses folhetos e distribuir para os alunos que poderão levá-los para casa e mostrá-los a seus familiares e amigos.

Temas para Redação

Os alunos devem discutir as situações seguintes, que podem ser usadas como temas de redação e de dramatização:

1. Ronaldo está muito feliz porque inventaram “o relógio” e a escrita em braile, pois essas invenções o ajudam a fazer muitas coisas. Um dia, um grande inventor convidou Ronaldo para visitar seu laboratório. Ele queria descobrir alguma coisa nova para ajudar as pessoas cegas. *“Do que você precisa?”*, perguntou o inventor. *“O céu é o limite. Vamos descobrir a maior invenção do mundo!”* Escreva sobre as coisas que Ronaldo pediria ao inventor e faça um desenho dessas invenções.

2. Ronaldo e Patrícia estão indo para a escola. Dois meninos caminham atrás deles. Ronaldo e Patrícia ouvem um deles dizer: *“Lá está Patrícia com o ‘quatro-olhos’ ”*. O outro menino responde: *“O que você quer dizer com essa história de ‘quatro-olhos’? Ronaldo não enxerga nada!”* Escreva sobre o que acontece depois. O que Patrícia e Ronaldo fazem?

3. Salete e Bete estão voltando da escola. Elas vêem Marcos e Borges na frente. Salete, que é nova na escola, pergunta quem é aquele menino na cadeira de rodas. Bete fala sobre Marcos e um pouco sobre paralisia cerebral. As meninas alcançam Marcos e Borges. Salete ouviu Marcos falando e diz: *“Ei, você é retardado também? Eu não entendo o que você diz!”*

4. Durante uma feira de animais, um veterinário foi fazer uma palestra na classe de Marcos. Ele trouxe diversos slides e fotografias de bichos. Jane perguntou a Marcos se ele gostaria de ser veterinário. Ele respondeu que seria muito divertido, mas que isso seria muito difícil para ele. Jane pensou então: *“O que esse menino na cadeira de rodas vai ser quando crescer?”*

5. Num dia à tarde, chovia muito na hora do recreio, e o professor Ricardo pediu que as crianças escolhessem um jogo e não corressem, enquanto ele iria por alguns minutos até a sala do diretor. Marcos achou que, já que o professor não tinha mencionado cadeira de rodas, seria divertido ter os colegas como platéia e torcida. O professor ouviu a bagunça e voltou depressa. Entrou na classe e disse: *“Marcos, venha cá imediatamente”*.

6. Uma manhã, o carro da professora de Márcia enguiçou. Como ela morava muito longe da escola e não havia ônibus que ela pudesse tomar, telefonou ao diretor avisando que não iria, e uma professora substituta foi para seu lugar. Quando o sinal tocou, a professora entrou imediatamente na sala. Ela conversou com os alunos sobre as atividades do dia e começou a aula de matemática. Tia Laura não sabia que Márcia era deficiente auditiva, e por isso ela também não sabia que deveria estar de frente para Márcia na hora de falar. Ela deu instrução para a atividade enquanto escrevia na lousa. Quando Patrícia ia avisá-la, ela voltou-se para Márcia e disse: *“Vamos logo. Não fique aí sonhando. Comece já!!”*

7. A professora de Márcia, Tia Clara, está muito contente por tê-la em sua sala de aula. Ela tem ensinado muito a seus alunos sobre deficiência auditiva e todos os alunos aprenderam um pouco da língua de sinais, com muita facilidade! Tia Clara está muito contente porque os alunos podem se comunicar com Márcia usando a língua de sinais e Márcia tornou-se parte integrante do grupo. Um dia, entrou um novo aluno na classe. Braz já está na escola há quatro dias e as crianças têm lhe ensinado alguns sinais. Mas, numa manhã antes da aula, Braz disse a Patrícia e Marina: *“Eu não quero aprender essa coisa. Quem é que vai querer aprender esses sinais bobos? É uma perda de tempo e a gente deveria estar aprendendo outras coisas mais importantes.”*

8. *“Hoje está fazendo quase quarenta graus”*, diz Bárbara. As outras

crianças, Patrícia, Márcia e Jane concordam que este é o dia mais quente do ano. “*Você tem um elástico ou uma fita para eu prender meu cabelo?*” perguntou Jane. Patrícia diz que felizmente ela tem os cabelos curtos e assim não sente tanto calor. Jane prende o cabelo e Márcia faz sinais. “*Boa idéia, eu também vou prender os meus cabelos.*” Bárbara olha para Márcia. “*Não, você não deve fazer isso!*”, ela diz. “*Por que não?*”, pergunta Patrícia, “*Ela tem os cabelos compridos e hoje está muito quente*”. Bárbara sussurra no ouvido de Patrícia que Márcia deveria deixar os cabelos soltos. “*Assim o aparelho de ouvido dela não aparece, se ela prender o cabelo, como Jane fez, todo mundo vai ver o aparelho!!!*”, ela diz.

Dramatização Criativa

Os diálogos seguintes podem ser dramatizados pelos alunos ou podem ser usados como temas de discussão em redações.

O Acampamento



Personagens - Márcia, uma jovem com deficiência auditiva, Patrícia, Marina, Roberto, Jorge e Davi.

Material - Aparelho de ouvido para Márcia (podem usar fones de ouvido ou caixas de fósforo).

Cena - Os alunos estão reunidos, antes da aula começar, discutindo a ida ao acampamento.

Jorge: Oba! Só faltam duas semanas!

Marina: É, só duas semanas pro acampamento. Eu nunca acampeei antes.

Davi: Eu também não! Não agüento esperar mais.

Márcia: (Sentada a uns poucos passos atrás de Patrícia, fazendo sinais) Eu quero, eu quero (ninguém olha pra ela e todos continuam conversando).

Patrícia: Eu ainda estou pensando no que levar...

Roberto: Eu sei. Meu pai disse: "Não vá levar a casa inteira".

Marina: Bom, a gente tem que levar o saco de dormir.

Davi: Eu emprestei um do meu irmão.

Márcia: (Sinaliza, agora mais frenética) Eu tenho o meu! Eu tenho o meu...

Jorge: Um dia a gente vai escalar as montanhas.

Patrícia: E fazer nossa comida...ô, Márcia, o que é?! (Márcia dá uns tapinhas em Patrícia e declara que eles a estão excluindo do grupo).

Marina: Puxa, é verdade. A Márcia lê os lábios da gente.

Roberto: E ela tem que olhar pra gente, quando a gente tá falando! Puxa, Márcia, desculpe!

Peça aos alunos para discutirem um fim apropriado para o diálogo e depois que todos concordarem com a finalização, faça-os dramatizarem a cena para a classe. Discuta a finalização de cada estória.

Histórias de Gabriela Costa - O Que eu Digo Agora?

Personagens - Gabriela (uma jovem com deficiência mental), Patrícia, Marcos, Sara e João (irmão mais novo de Gabriela).

Cena - João acabou de deixar Gabriela no lugar onde ela trabalha. Ele corre para encontrar seus amigos.

João: Tchau, Gabriela!!

Gabriela: Tchau, João. Uma boa tarde para você!

João: Obrigado, um bom dia de trabalho pra você!

(Gabriela entra na fábrica e João corre ao encontro de seus amigos.)

João: Ei, esperem por mim!!! Vocês também estão indo pro mercado?

Patrícia: Sim, nós estamos.

Marcos: Venha conosco.

Sara: Espere, Marcos!! Eu, bem, uhn...

Patrícia: Ei, Sara. O que aconteceu?

Sara: Nada, nada...

Marcos: Olhe, o João é nosso amigo. O que está acontecendo?

Sara: Olhe, João, você é o irmão de Gabriela, não é?

João: Claro que sou. Você sabe disso!

Sara: Ela é retardada, não é?

João: Sim, é.

Patrícia: Aonde você quer chegar?

Marcos: Sim, o que a Gabriela tem a ver com João?

Sara: Bem, se a Gabriela é retardada, então...

Patrícia: Sara, eu não acredito!!!

Sara: Bom, todo mundo na sua família é retardado, João?

Faça cada grupo improvisar uma conclusão para este diálogo. Faça-os apresentarem suas partes para a classe. Discuta cada conclusão com relação aos sentimentos de João e Gabriela e os sentimentos dos outros alunos.

Discussão em Grupos

O Que os Alunos Devem Saber Sobre Paralisia Cerebral - PC

Os alunos e mesmo alguns professores, por não terem familiaridade com pessoas com paralisia cerebral, às vezes, ficam nervosos ou mesmo com medo quando vêem alguém com PC.

Geralmente ficam curiosos para ver a cadeira de rodas ou o jeito incomum com que as pessoas com PC caminham; ou ainda ficam impressionados com os movimentos sem coordenação ou com o jeito de falar desses colegas.

A pessoa nasce com paralisia cerebral quando o cérebro sofre um dano. Mas, apesar do dano se localizar no cérebro, geralmente são os movimentos e a fala da pessoa que são afetados. Assim, a pessoa com paralisia cerebral às vezes não consegue andar ou falar como as outras pessoas. Outras conseguem caminhar bem, outras usam muletas, e outras ainda usam cadeiras de rodas. Algumas vezes a fala é alterada e a pessoa baba porque os músculos da boca são afetados. A fala vagarosa e difícil de algumas pessoas com PC, entretanto, **não significa que elas sejam deficientes mentais**. A maioria pode fazer muitas coisas e aprender tão rápido como qualquer outra pessoa. Quando uma pessoa com PC se locomove de uma maneira diferente é porque ela não pode controlar os movimentos dos braços e das pernas, que ocorrem involuntariamente, sempre que ela vai emitir um gesto voluntário. Isso torna difícil, por exemplo, segurar um lápis ou uma colher e comer de maneira elegante.

Questões Para Discussão Sobre Paralisia Cerebral

1. Por que às vezes temos dificuldade para entender o que uma pessoa com paralisia cerebral diz?
2. Quais as coisas que uma pessoa com PC pode fazer sozinho?
3. Descreva como você imagina que é o banheiro na casa de uma pessoa com PC?

Questões Para Discussão Sobre Deficiência Auditiva

Use as questões seguintes para estimular a discussão em pequenos grupos de alunos sobre como é ter deficiência auditiva.

1. Será que é fácil esquecer que seu amigo é surdo? Por quê?
2. Por que é importante olharmos para uma pessoa com deficiência auditiva quando estamos falando?

3. A voz da pessoa com deficiência auditiva é diferente da voz das outras pessoas. Por quê?
4. É difícil entender o que uma pessoa surda diz? Diga o porquê.
5. Finja que você e sua amiga estão jogando. Nenhuma de vocês pode falar, mas você tem que dizer para sua amiga: “Eu tenho que ir para casa às cinco horas”. Como você diria isto para sua amiga, sem falar? Mostre para classe como você faria.
6. A língua de sinais é uma língua como o inglês ou o francês. Você já ouviu alguém falando outra língua? Onde? Você já viu alguém usando a língua de sinais? Onde? O que você acha que eles estavam dizendo?
7. Como uma pessoa com deficiência auditiva faz para dançar? Como você dançaria com uma pessoa com deficiência auditiva? Que tipo de música você gostaria de dançar com ela?
8. Como seria ter deficiência visual e auditiva ao mesmo tempo?

Filmes

Há um número cada vez maior de vídeos que podem ser alugados e exibidos na sua escola, com personagens com deficiência. Fique atento, pois muitos passam na televisão e você pode recomendar a seus alunos que os assistam. Esses personagens podem ser objeto de uma discussão em grupo.

Livros

Cada vez mais estão sendo publicados livros com personagens com deficiência, ou sobre essas pessoas e os diversos tipos de deficiências. Você pode adquirí-los e formar uma pequena biblioteca sobre o assunto, mas é importante estar atento para recusar aqueles onde as pessoas com deficiência são tratadas de forma estereotipada, isto é, com qualidades sobre-humanas ou então como coitadinhos dignos de pena.

Livro de Recortes

Os alunos mais velhos também podem ser estimulados a coletar e colecionar fotografias e recortes de jornais com matérias sobre pessoas com deficiência.

Amigos

Você também pode organizar passeios integrados entre seus alunos e os estudantes de escolas ou classes especiais. Os alunos podem ser estimulados a trocar fotos e cartas.

Visitas Bem-Vindas

Além disso, acreditamos que depois de ter desenvolvido algumas dessas atividades, seria uma boa idéia convidar pessoas adultas, com deficiência, para conversar com a comunidade escolar sobre sua vivência, suas dificuldades e as soluções que encontraram para problemas enfrentados na vida. Geralmente, os alunos aproveitam muito bem essas oportunidades para fazer todo tipo de pergunta e satisfazer sua curiosidade natural. E as pessoas com deficiência, na sua maioria, têm muito prazer neste contato e sentem-se gratificadas em participar dessas atividades e poder conversar com a comunidade sobre suas necessidades especiais, bem como sobre os suportes que lhes permitem viver na comunidade.

Envolvendo a Comunidade

O próximo passo, depois da preparação da classe para receber colegas com deficiência, é proporcionar uma reunião onde os pais e familiares dos seus alunos

possam também compartilhar desse novo conhecimento. Nessa reunião de Pais e Mestres, os alunos poderão relatar as suas experiências, os adultos com deficiência poderão falar sobre sua experiência de vida, bem como os alunos com deficiência poderão falar sobre a mudança de atitude dos colegas de turma, depois de passarem pelo programa anterior de sensibilização. Geralmente, as eventuais resistências dos pais com relação ao ingresso de alunos com deficiência na escola comum são eliminadas quando percebem que seus filhos estão compreendendo e convivendo saudável e construtivamente com a deficiência em seu cotidiano escolar.